TL 6298

## IV — Equilíbrio orçamental, grave doença do Governador, temporais de 1939 — seus reflexos nos assuntos militares.

Em 1938 já o espectro da guerra rondava certas fronteiras e pairava sobre conhecidos pontos nevrálgicos do mundo; andava muito longe, porém, dos ares calmos de Timor, apenas perturbados pela mancha amarela dum ou outro japonês, «inocentemente» ocupado em «tarefas comerciais»... Internamente, gosava a Colónia, por outro lado, da mais tranquila pacificação que porventura jámais conhecera. Os problemas militares não apresentavam, portanto, nessa particula obscura do Globo, maior relevo do que outros problemas importantes quaisquer.

Não admira, por isso, que alguns problemas não tenham sido atacados a fundo. Merece, em todo o caso, um deles que se lhe faça uma referencia especial: o respeitante ao em-

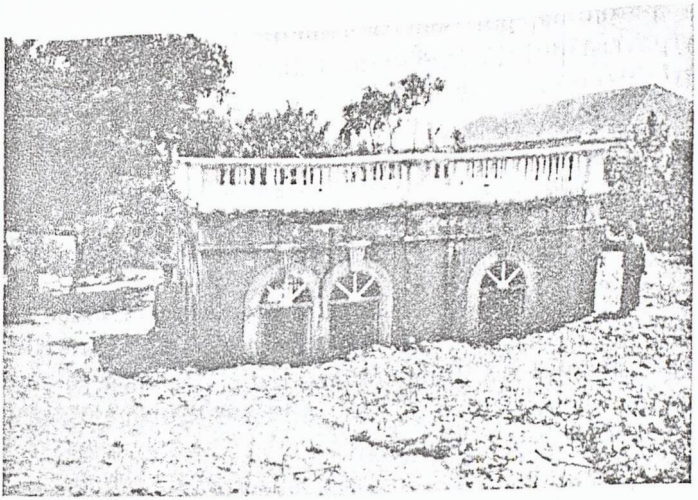

Fig. 3 — *Em Lahane, nos arredores de Dili, a casa da guarda da residência do Governador, ficou quase soterrada, devido aos desabamentos produzidos na montanha próxima. Só na remoção destas terras trabalharam, consecutivamente, 50 homens durante mais de um ano, utilizando duas linhas de vagonetas!*

Fig. 2 — *O mar arrojou às praias, ao longo de todo o litoral da Colónia, os destroços das árvores arrastadas em enormes quantidades pelos cursos de água durante os temporais. A fotografia mostra um aspecto da Avenida Marginal de Dili, donde a população da cidade se abasteceu de lenha para muito tempo.*

prego que se estava fazendo em cargos da administração civil, de sargentos, cabos e até de soldados europeus da Companhia de Caçadores, com grande prejuizo desta unidade. O problema existia, pelo menos, desde 1934, ano em que entrou em vigor na Colónia a Reforma Administrativa Ultramarina.

O pessoal, de que se trata, estava ocupado no desempenho de funções de Chefe de Posto e para este fim havia sido destacado para a Direcção dos Serviços de Administração Civil. Fazia-se, deste modo, uma economia no pessoal civil

Fig. 4 — *Muro de barragem na ribeira de Vemôre, protegendo do lado Sul o aquartelamento de Taibessi*
*Á esquerda vê-se a parte superior de um poço de arejamento da nova canalização de abastecimento de água à cidade de Dili, que substituiu a destruida pelos temporais. O abastecimento, anteriormente deficiente, passou a ser abundante depois de efectuadas as novas captações de água.*

(Projectos e construções do autor do artigo)

mas à custa da eficiencia dos serviços militares. Não era, porém, de maneira alguma um expediente destinado a favorecer interesses particulares, deve acentuar-se bem este facto, mas uma medida imposta pelas necessidades de equilíbrio orçamental da Colónia.

O orçamento da Colónia vivia, realmente, em regime de equilíbrio efectivo, e era elaborado rigorosamente, dentro das

normas salutares que Salazar havia colocado na base do ressurgimento financeiro da Nação. As contas de exercício fechavam-se, geralmente, com saldos ajustados à constituição duma reserva prudente, embora sem exageros, que as próprias circunstancias, aliàs, não permitiam. Tinha-se sacrificado, porém, o provimento definitivo de alguns cargos, principalmente dentro dos serviços da Administração Civil, e por isso se encontravam desempenhando funções de Chefe de Posto os elementos da Companhia de Caçadores acima referidos.

De resto a maior parte desses elementos, se não a sua totalidade, de há muito tinha terminado as respectivas comissões militares; a sua utilização nos serviços da Administração Civil constituia, até certo ponto, uma compensação pelo excesso de permanência na Colónia.

As serenas condições em que se vivia em 1938 não impunham alterações urgentes ao método adoptado, nem o orçamento da Colónia as consentia fàcilmente. Para mais, o Governador quis integrar no salutar regime de contas, já referido, a antiga e intrincada dívida da Colónia à Metrópole, obtendo do Governo da Nação a sua consolidação num montante modesto mas que, ainda assim, representava um encargo mensal de cem contos. Este novo encargo foi, como os já existentes, escrupulosamente satisfeito pelo Governador e por nós, que lhe sucedemos nas responsabilidades efectivas do governo da Colónia, até Maio de 1940, altura em que deixámos a pesada tarefa.

*

Em 5 de Outubro de 1938, cerca de um ano depois de haver tomado posse do seu cargo na Colónia, foi o Governador, pela segunda vez em curto intervalo de tempo, acometido de súbito acesso duma grave doença de coração, ao ler em público um discurso que só com muita dificuldade pôde terminar. Por absoluta imposição médica, teve de reduzir a sua actividade durante cêrca de seis meses, durante os quais os chefes de serviço tiveram de despachar em seu nome os assuntos correntes, nos termos da Reforma Administrativa Ultramarina. Só em fins de Março de 1939 estava o Gover-

nador em condições de poder suportar a viagem de regresso à Metrópole, obedecendo ao que havia sido julgado indispensável pela Junta de Saúde da Colónia.

Durante esse tempo produziu-se, naturalmente, um certo afrouxamento no ritmo dos vários serviços, incluindo os militares, e é provável que algum dos endémicos azedumes de Timor se sentisse, entretanto, menos contido.

Assumimos o pesado encargo do governo da Colónia em condições pessoalmente pouco invejáveis — pois temos de confessar que nada nos fazia prever que esse encargo caíria

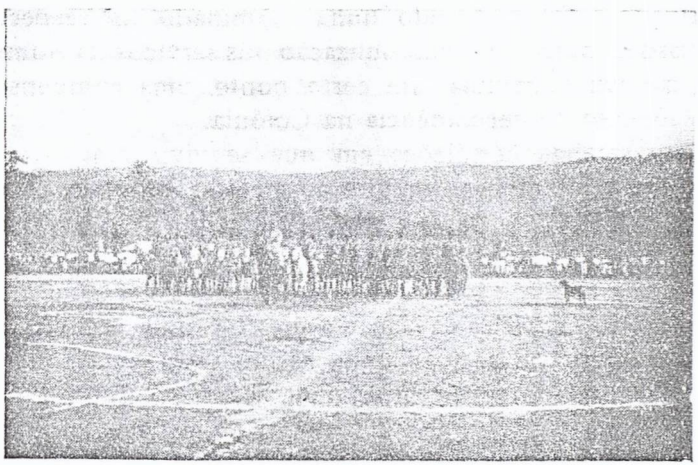

Fig. 5 — *Um destacamento do Pelotão de Cavalaria da Fronteira manobrando em Dili, nas festas de 28 de Maio de 1939, sob o comando do 1.º sargento Vicente. A fotografia mostra, também, uma parte da grande área aterrada e saneada no antigo pantano de Caicoli, junto a Dili, nos anos de 1938 e 1939.*

(Projecto e execução do autor do artigo)

sobre os nossos ombros — dado que nem sequer haviamos ainda feito parte do Conselho do Governo, onde fôssemos estabelecendo contacto com os complexos problemas que depois tivemos de resolver. Apenas a oito ou dez dias de vista nos foi comunicado o honroso convite para esse cargo, mas se é certo que nunca contribuímos, directa ou indirectamente, para isso, também não estavamos habituados a recusar o nosso concurso à causa da Nação.

Além da falta de preparação, outras circunstancias ainda, que não importa descriminar, tornavam delicada a nossa nova missão. Como factores positivos contávamos, porém, com o activo de um ano e meio de trabalho constante, em vários sectores da vida da Colónia, e com o conhecimento, já bastante perfeito, dos recursos desta, do meio e sobretudo dos homens.

Esta última circunstancia nos permitiu, desde logo, eliminar qualquer fermentação porventura latente nas relações de alguns oficiais da Companhia, ocupando-nos o assunto, um momento, não pela real importancia de quaisquer mesquinhas questiúnculas em si mesmas, mas porque elas criam um estado de espírito mórbido, enfraquecendo as faculdades de iniciativa e o gosto pelo trabalho.

Felizmente era levíssima a herança disciplinar recebida, quer nos serviços militares quer nos civis: das rimas de processos disciplinares que o Governador encontrou ao chegar à Colónia e que tão precioso tempo lhe ocuparam, poucos restavam. Arrumados estes e sanado com firmeza um desmando que logo de entrada nos causou bastante desgosto, pudemos dedicar todo o nosso esforço exclusivamente ao trabalho produtivo.

Podemos mesmo afirmar que, àparte aquele desmando, emquanto desempenhamos as funções de Encarregado do Governo não se instaurou um único processo disciplinar em toda a Colónia, nem houve que aplicar quaisquer sanções dentro dos serviços civis ou militares. Isso o devemos ao aprumo, correcção e, sobretudo, alta devoção pelo serviço, dos funcionários dos diferentes sectores da vida da Colónia, a alguns dos quais se teve oportunidade de manifestar o devido reconhecimento nas páginas do Boletim Oficial.

Não admira, portanto, que ao sermos rendidos no nosso posto, em Maio de 1940, pudessemos entregar o Governo da Colónia completamente liberto de preocupações disciplinares.

*

Não tivemos tempo para largas meditações. ao assumirmos o novo encargo: infelizmente foi necessário agir, por

assim dizer, desde logo e a um ritmo imposto por circunstancias que, para sermos exactos, temos de classificar de muito graves.

Não podem, evidentemente, os problemas militares, ser desintegrados do quadro geral da vida da Colónia onde têm de ocupar o lugar que lhes compete, sob pena de ficarem incompreensíveis ou, pelo menos, deformados. Por isso, temos de deter-nos um pouco na análise, quanto possível breve, das circunstancias referidas.

A época geral das chuvas, que abrange todo o território da Colónia, vai normalmente de fins de Outubro a princípios de Abril (nalgumas regiões do interior e da costa Sul produzem-se precipitações menos importantes, entre Julho e Setembro). A que acabava de findar tinha sido muito escassa. Na primeira quinzena de Abril, porém, começou a chover copiosamente por toda a Colónia: era o início dum periodo anormal de chuvas torrenciais, de grandes ventanias e de temíveis trovoadas, que só encontraria seu termo passados mais de tres meses, temporais que atingiram o auge nos primeiros dias de Maio, durante os quais tomaram proporções de vendavais ciclónicos, de efeitos destruidores verdadeiramente desastrosos.

Nesses dias sombrios pereceram em toda a Colónia mais de duzentos indigenas e perderam-se muitos milhares de cabeças de gado, milhões de árvores produtivas dentre as quais predominavam os cafeeiros — a riqueza principal da Colónia, e os coqueiros — árvores de grande importancia até na alimentação indigena, além da maior parte das culturas e da quase totalidade das várzeas de arroz.

Os terrenos geralmente instáveis das altíssimas montanhas de Timor foram todos eles sacudidos, e formidáveis massas de terras se precipitaram nas ravinas, nas linhas de de água, nas ribeiras, em amontoados caóticos, arrastando e subvertendo, numa confusão monstruosa, aldeias, matas, culturas, estradas, pontes, traçados telefónicos, canalizações de água, reservas alimentares... Era o luto, o terror e a fome!

Não tentaremos descrever estes horrores, as proporções atingidas, por exemplo, pela grande ribeira de Lacló na vasta planície onde recebe as águas dos dois afluentes, (Sumassi e Libânia) transformando as hortas, as várzeas e os palmares

virentes daquela zona, em extensos e desolados areais, como se sobre aquilo tudo tivesse passado uma fúria geológica. Não tentaremos, também, dizer como foi possível que as próprias estradas consolidadas do litoral, como a de Dili — Liquiçá — Maubara, aparecessem soterradas na sua maior parte, sob detritos e pedregulhos enormes, grande número dos quais houve que destruir a dinamite. Nenhuma descrição pode estar à

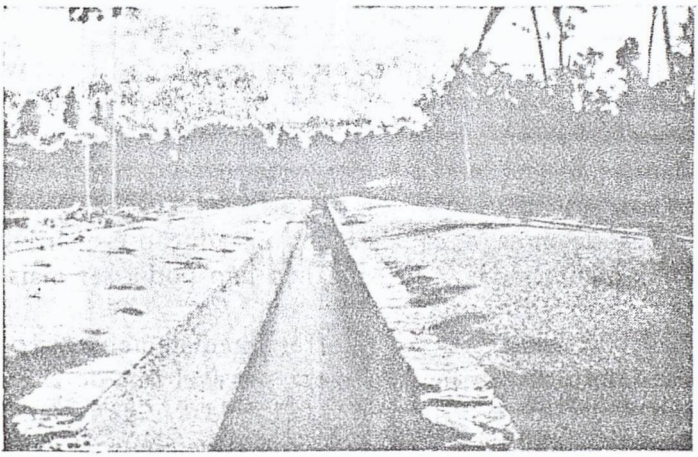

Fig. 6 — *Um canal aberto em 1939 no eixo de uma nova avenida em Dili, de direcção perpendicular à praia, com a profundidade bastante para as águas dos preamares o percorrerem, exercendo a sua acção depuradora, e munido de drenos laterais para abaixamento do nivel das águas freáticas.*
*A um e outro lado da avenida iniciaram-se construções, mostrando a fotografia, à esquerda, os «baques» de algumas delas.*
*Com a canalização das ribeiras executada em 1939 e principios de 1940 e com tres ou quatro destes canais, ficaria concluida a parte fundamental do saneamento de Dili.*

(Projectos e construções do autor do artigo)

altura do que sucedeu na relativamente modesta ribeira de Comoro, cujo leito se elevou de quinze a vinte metros numa extensão de mais de dez quilómetros.

Vale a pena, em todo o caso, dizer algumas palavras sobre Dili, onde se viveram dias de pavor e se chegou a encarar a eventualidade duma evacuação geral da população. Toda a vasta área da cidade e da planície circundante se cobriu

de água, como se o mar tivesse avançado até aos montes de Malúa e de Balide. A Leste, as ribeiras de Benemauc, de Vemôre e de Lahane, reunidas, alimentavam esse manto de água colossal, através dos terrenos pantanosos de Bidau, enquanto a Oeste actuavam as águas da Ribeira de Màlúa, através dos pantanos de Colmera e de Caicóli. Esse manto de água acabou por estender-se muito para Oeste, cobrindo completamente a planície desde Motael até Fatu-Meta, onde as águas da própria ribeira de Comoro irromperam na direcção de Dili.

Hortas arrazadas, sulcos profundos, verdadeiras ravinas cavadas nas próprias ruas e na praia de Dili, que ficaram, por outro lado, cobertas de montões de detritos de toda a ordem; imbondeiros gigantes arrancados, traçados telefónicos e de iluminação destruidos, edifícios danificados, captações de água e canalizações de adução e distribuição destruidas, soterradas... O balanço não podia ser mais trágico.

Tornava-se necessário socorrer imediatamente as populações desesperadas, mas não era possível sair de Dili nem mesmo a cavalo, tal o estado das estradas e dos caminhos. Só por mar, utilizando o navio *Oécussi* que começava as suas primeiras viagens, tripulado pelos hábeis marinheiros timores que conheciam bem a costa, pudemos pessoalmente iniciar a árdua mas bendita cruzada de socorrer e animar as populações sinistradas, primando em que a primeira autoridade da Colónia não faltasse, como lhe competia, em nenhuma das regiões atingidas.

Será preciso acrescentar quanto estas crueis circunstancias prejudicaram durante meses seguidos, em 1939, o andamento dos serviços militares e, em especial, a construção dos aquartelamentos?

## V — Reconstrução económica, disponibilidades — primeiros objectivos a atingir

A enorme tarefa da reparação dos estragos e da execução dos vastos trabalhos agricolas que tiveram de ser imediatamente empreendidos, além de absorver em massa toda a população indigena, consumiu a maior parte das disponibi-

lidades monetárias, provenientes de saldos de exercícios findos, atribuidas mediante a abertura dum crédito especial de 95.000 patacas. O próprio orçamento da Colónia e os das Juntas Locais tiveram de ser remodelados, a fim de que todos os recursos se empregassem nessa obra de verdadeira salvação pública.

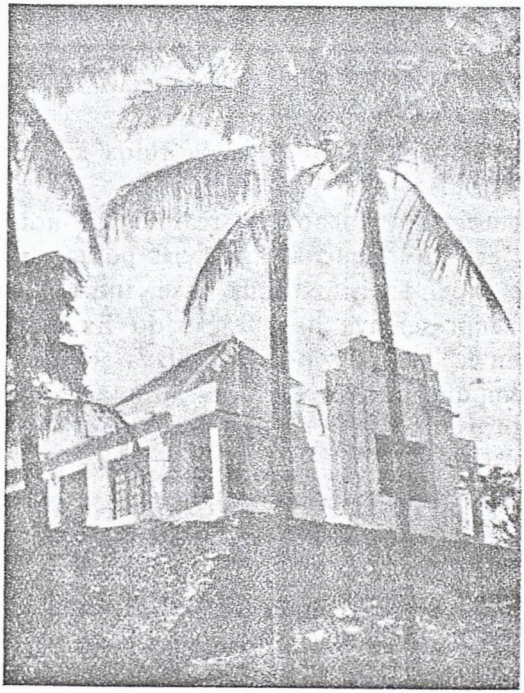

Fig. 7 — *As casas destinadas aos oficiais no aquartelamento de Maubisse, das quais uma ficou concluida, eram do tipo que a figura representa.*

A fotografia é de uma habitação para o clínico de Vila Salazar (Baucau), também projecto e direcção do autor do artigo (construção realizada em 1939)

Entretanto chegara o mês de Julho e a preparação do café mal havia começado — ao passo que em anos normais já nesse mês se verificava a afluência de cambiais, o aumento do rendimento da Alfândega, o desafogo do produtor indí-

gena e o incremento da cobrança do imposto de capitação, permitindo, enfim, efectuar e desenvolver com segurança as despesas orçamentadas. Um agricultor experimentado da Colónia avaliava, por outro lado, em seis mil picos, apenas, a produção de café «arábica» nesse ano, contra vinte mil picos de produção média dos últimos anos (o pico vale 62 kg.). E os encargos externos estavam por pagar desde Janeiro, o imposto de capitação quase por cobrar, as transferencias por fazer e apenas em diminuta escala se tinham feito as importações de mercadorias essenciais à vida dos europeus e dos indigenas.

Era a perspectiva sombria da ruina do Estado e da miséria da população.

Nesse momento tornou-se, realmente, indispensável a reflexão, o estudo minucioso das vias por onde se escoava o café, do papel aquisitivo que esse «ouro negro» verdadeiramente representava nas praças do Extremo Oriente e, principalmente, nas europeias. Tratava-se, finalmente, de averiguar em que medida esse café influia na valorização e lotação doutros tipos de café, de menor qualidade, produzidos nas Índias Neerlandesas e sobretudo, de estudar o mecanismo, bastante especial, das transacções efectuadas entre o comércio de Macassar, Batávia e Surabáia e as praças europeias, no qual o café de Timor figurava como mercadoria intermediária.

Foi nesse momento crítico que, à luz da minuciosa análise efectuada, nos arriscamos a jogar, embora com toda a prudencia e grande cuidado na observação das reacções que provocasse, uma cartada melindrosa de caracter económico.

Sabiamos que o café de Timor era indispensável na mecanica dos exportadores holandeses, que já o disputavam para solver compromissos e cumprir contratos, e conheciamos a sua elevada margem de lucro. Por isso, sob o pretexto de fazer cumprir rigorosamente um diploma recente e contra o parecer dos mais conspicuos economistas da Colónia, refreamos a saida do café, provocando a luta pela sua aquisição, jogando com a eterna lei da oferta e da procura, não atendendo solicitações internas e externas, estas últimas recebidas através de associações comerciais, de consulados e até do grande economista Dr. H. Van Mook, bem conhecido Vice-

-Governador das Índias Neerlandesas, que pessoalmente se nos dirigiu.

Desta forma nenhum café saiu de Timor se não a uma cotação extraordinàriamente elevada. Dos doze mil picos de café «arábica» afinal colhidos nesse ano, dez mil foram exportados sob a inspiração e orientação do Governo da Colónia e esses bastaram para equilibrar, ou mesmo exceder, o valor normal médio das exportações dos últimos anos.

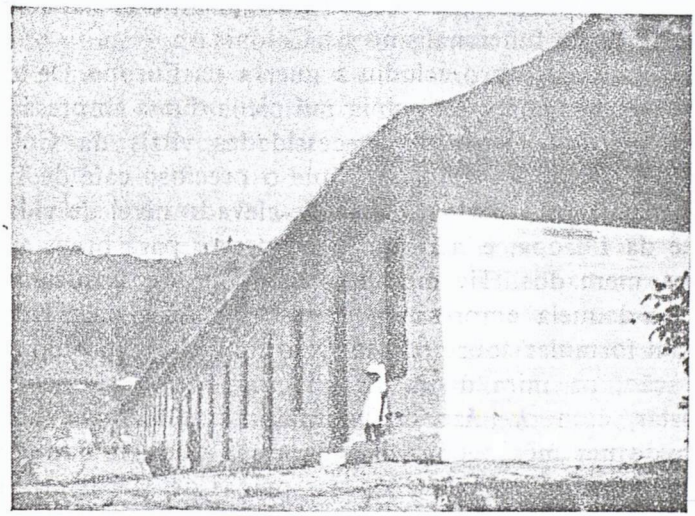

Fig. 8 — *Temba para 22 familias de praças indigenas, iniciada e concluida em 1938, no aquartelamento de Maubisse. As habitações estão dispostas simètricamente em relação ao eixo do edificio, mostrando a fotografia uma das fachadas. A cobertura é em «gamuti» e cada par de habitações tem uma chaminé comum, servindo as respectivas lareiras.*

(Projecto e construção do autor do artigo)

As divisas externas afluiram com abundancia às artérias exaustas do combalido organismo económico da Colónia. A batalha económica interna também se travou com exito, mediante o ajustamento dos preços de venda do produtor indigena às cotações externas, determinando-se que as transacções se efectuassem à luz do dia, nos bazares regionais,

sob a fiscalização protectora das autoridades — evitando-se, assim, as clássicas permutas "en nature", nos recantos das lojas «chinas» sob os efeitos da "tuaca"... O dinheiro afluiu, realmente, às mãos dos indigenas. Medidas complementares respeitantes ao camim, à copra, ao algodão, às peles, ao milho e ao arroz, reforçaram a posição económica do indigena — e o imposto de capitação rendeu, nesse perturbado ano, duzentas mil patacas mais do que em anos anteriores. Sem estas indispensáveis medidas, que muitos consideravam temerárias, quem sabe se haveria nesse ano disponibilidades para se efectuar o pagamento dos vencimentos ao próprio funcionalismo da Colónia!

A 1 de Setembro eclodiu a guerra na Europa. De toda a produção de café só os dois mil picos duma empresa luso-nipónica, indiferente às necessidades vitais da Colónia, estava por exportar. Sabiamos que o precioso café de Timor se consumia em certos países de elevado nível de vida, do Norte da Europa, e não era difícil prever para breve a falta desses mercados. Tivemos oportunidade de transmitir ao gerente daquela empresa as previsões que, lògicamente, se podiam formular sobre o caso. Não foram tomadas em consideração, na mira de maiores lucros — e o café ficou por exportar, com prejuizo do possuidor e da Colónia, porque cêrca de um mês depois, mais depressa ainda do que se previra, deixava de ter cotação nas praças de Macassar, Surabaia e Batavia.

Ficava mais uma vez irrefragavelmente demonstrado que a economia indigena é a mais maleável, a mais fiel, a única que verdadeiramente se identifica com a própria economia da Colónia. Felizmente que a maior parte do café era de produção indigena. Razão de sobejo assiste àqueles que têm colocado na base da nossa acção colonizadora em Timor, a preocupação de promover a constituição de verdadeiras famílias indigenas, pequenos agricultores, pequenos agregados morais ligados ao lar cristão que ainda hoje, infelizmente, não possuem e simultaneamente elementos económicos do grande agregado geral de toda a população indigena, com vista a torná-la num bloco cada vez mais homogeneo, cada vez mais ligado à Bandeira Portuguesa, sob cujo signo glorioso vive há mais de quatro séculos.

Em face das circunstancias anormais que ficam referidas, tiveram de considerar-se tàcitamente cativas, como medida de precaução, as verbas consignadas no orçamento da Colónia para obras novas; quer dizer, essas obras ficaram pràticamente suspensas. É claro que as obras dos novos aquartelamentos não constituiam excepção: só depois de asseguradas as disponibilidades orçamentais podiam prosseguir os respectivos trabalhos.

De resto as obras dos novos aquartelamentos exigiam elevado número de trabalhadores e, como dissemos, a população estava ocupada em massa nos trabalhos de necessidade imediata, principalmente nos de caracter económico. Foi preciso aguardar, portanto, que existissem também as próprias disponibilidades de mão de obra.

Algumas dessas obras tiveram, mesmo, de ser abandonadas temporàriamente, à espera de melhores dias... Foi o que aconteceu, por exemplo, ao novo edifício das casernas do Quartel de Taibessi, cujos caboucos, quase prontos, foram destruidos pelas águas da ribeira de Vemôre. O curso desta ribeira inflectiu-se, com efeito, em direcção a Dili, através dos terrenos da parada do quartel e só por milagre não destruiu os próprios edifícios já existentes. Não nos deixou o Destino executar essa obra. Toda a madeira para as asnas da cobertura e para os restantes trabalhos do edifício, com tanto esforço cortada nas montanhas, preparada e transportada, lá ficou, devidamente resguardada, atrás do refeitório...

É que a violencia dos temporais impuzera novos trabalhos de urgencia absoluta. No próprio Quartel de Taibessi, além da reparação dos estragos causados pela ribeira de Vemôre, tornou-se indispensável canalizar imediatamente esta ribeira. Construiu-se, para isso, um muro de barragem, partindo da montanha e cobrindo toda a extensa periferia do lado Sul do aquartelamento. Para aqueles que tenham alguma noção da importancia destes trabalhos, acrescentaremos que só neste muro se empregaram para cima de oito mil metros cúbicos de alvenaria hidraulica.

Seria um trabalho excessivo, se o seu interêsse se restringisse ao aquartelamento. Esse interêsse era, porém, muito

mais vasto, porque a construção deste muro se integrava num conjunto de obras destinadas a proteger toda a cidade contra as águas das ribeiras de Vemôre, Benemauc, Lahane e Málua. Protecção contra as inundações, contra a acção destruidora das águas, mas também — o que dava aos trabalhos toda a sua transcendencia — contra a formação dos pantanos originados periodicamente pelas inundações e que constituiam o factor principal da insalubridade de Dili.

A canalização das ribeiras, na sua parte essencial, terminou em Abril de 1940. A primeira fase da obra fundamental do saneamento de Dili ficava pràticamente concluida. A segunda fase compreendia a abertura de canais para a evacuação das águas freáticas e abaixamento do respectivo nível, mas esta fase ficou apenas iniciada, embora com um trabalho importante executado.

Estes e outros problemas criados pelos temporais, ou a que estes últimos deram especial realce, contribuiram muito para que durante alguns meses estivessem pràticamente interrompidas as obras dos novos aquartelamentos.